

ENTREVISTA COM O PROF. DR. BRUNO GONÇALVES ALVARO

Por Rafael Prata¹

Na tarde do dia 14 de junho de 2019, o Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro concedeu uma entrevista ao Corpo Editorial da Revista Outras Fronteiras, dissertando sobre distintas questões que envolvem a temática do dossiê “Formas de Governabilidade e Dominação durante a Antiguidade e a Idade Média”.

Professor Associado I de História Medieval no Departamento de História (DHI-UFS) e nos Programas de Pós-Graduação em História (PROHIS-UFS) e de Arqueologia (PROARQ-UFS), graduou-se em História pelas Faculdades Integradas Simonsen (2005), tendo realizado o mestrado (2008) e o doutorado (2013) em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou seu pós-doutorado em História na Universidade Federal do Mato Grosso (2015). No bojo de suas abordagens, criou e se tornou líder do Grupo de Pesquisa “Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais” (CNPq-UFS).

Suas pesquisas e reflexões têm problematizado temáticas como: Sociedades Senhoriais; História dos Concílios Medievais Ibéricos e Romanos; Relações entre Igreja e Cavalaria; Guerra na Idade Média; Península Ibérica na Idade Média Central; Estudos Historiográficos dedicados a História Medieval.

Nesta entrevista, o professor-historiador nos presenteou com uma gama de importantes reflexões voltadas não somente à prática historiográfica, o ofício do historiador, como também acerca do posicionamento do historiador em meio as iminentes questões sócio-políticas contemporâneas. Agradecemos a disponibilidade e a generosidade do Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro em nos conceder esta singular entrevista.

Revista: O corpo editorial da Revista Outras Fronteiras dialoga com o Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro sobre a temática “Formas de Governabilidade e Dominação durante a Antiguidade e a Idade Média”. Durante a Antiguidade e a Idade Média emergiram as principais formas de governabilidade que ainda hoje perduram, como a Democracia, a Monarquia e a República, dentre outras. Todas estas formas de organização política predispõem, consequentemente, uma maneira particular de dominação entabulada entre os agentes históricos, posto que no bojo de sua efetivação, se opera indubitavelmente uma diferenciação entre os indivíduos que engendram o meio social em que tais formas se efetivam. Por conhecermos as singulares veredas das pesquisas encaminhadas pelo historiador

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: rafaelcostaprata@hotmail.com.

em meio às relações de poder dispostas na Idade Média, convidamo-lo para a realização desta entrevista.

Revista: Boa tarde, Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro. Observamos através do cotejamos de suas produções historiográficas, que o amplo quadro de suas abordagens foram direcionadas à análise e compreensão das diversificadas relações de poder dispostas durante a Idade Média. Como nascera o interesse por esse eixo temático de abordagens?

Bruno Alvaro: *Antes de mais nada, gostaria de agradecer imensamente o convite, Rafael. Tenho acompanhado o trabalho de publicação da Revista Outras Fronteiras e é fundamental frisar a qualidade que vocês têm empreendido em suas edições. Indo agora direto ao assunto, olha, confesso que desde a graduação, desde as primeiras disciplinas no curso de História, no início dos anos 2000, que me atraía muito essa coisa de pensar – inicialmente – os muitos tensionamentos que marcam as relações humanas e o que nasce delas. Diria que independentemente de ter escolhido estudar História Medieval, já muito cedo no curso, em toda disciplina em que eu me matriculava, eram as relações de poder e força, enfim, o choque entre os muitos discursos que me atraíam. Quando chegou o momento “formal” de investigar, pesquisar, ou como você mesmo disse, realizar “abordagens” como um “eixo temático” de reflexões, acho que isso já estava razoavelmente se desenvolvendo no que viria a ser os meus trabalhos futuros.*

Revista: A historiografia, apesar de sensíveis mudanças, sempre foi marcada por uma forte hegemonia britânica e francesa. Os seus estudos se prezam por analisarem as questões sócio-políticas, militares, etc, no seio medieval ibérico. Esta postura, digamos, “contracorrente”, germinara com o desejo de romper com certos padrões ou axiomas historiográficos largamente enraizados?

Bruno Alvaro: *Não, não. Curioso. Voltando um pouco meu olhar para o Bruno da graduação, foi justamente a vontade de estudar teoria e historiografia – neste último caso francesa – que me levou à Idade Média. E francesa, é claro. O primeiro livro de História Medieval que comprei e li por vontade própria foi “O Domingo de Bouvines”, do Georges Duby, e minha primeira comunicação de pesquisa, na V Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), foi uma análise, muito, muito superficial mesmo, de uma preocupação, de menino, diria eu, sobre o contexto intelectual da medievalística da França em meados dos anos 70. Ou seja, na verdade, foi a influência francesa que me levou ao estudo da Idade Média, da guerra, da cavalaria, da morte... Não foi algo como: “eu estou remando rio acima por prazer”, parafraseando aqui o mestre Aldir Blanc. Tampouco, romper com algo. Aliás, o máximo que rompi com meus estudos iniciais foi a maneira de*

escrever. Meu encontro com o mundo medieval ibérico se deu pelas mãos da Profa. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, quando fui encaminhado pelo meu orientador de pesquisa, nas Faculdades Integradas Simonsen, onde me formei, que era o Marcus Silva da Cruz. Lembro-me que quando cheguei ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, hoje também Instituto de História, lá pelos idos de 2003 ou 2004, fui com a famosa tradução da “*Legenda Áurea*” debaixo do braço, literalmente, para uma entrevista com a Andréia. Ela adora lembrar essa história. Tudo que eu havia lido até então era da historiografia annaliste, francesa... Inclusive, estudava a língua pois queria ler no original, não sei se por arrogância ou preocupação, acho que por arrogância juvenil mesmo. Porém, eu realmente gostava da língua francesa e tive a grande sorte de ter uma mãe e um pai que sempre consideraram a educação o melhor meio de formação cidadã possível, assim, o espanhol (castelhano) eu já havia estudado com uns 11, 12 anos de idade. Voltando ao assunto, logo após a tal entrevista, ela me lembra sempre, foi me observando indo embora e, a cito: “disse pra mim mesma, esse rapaz nunca mais vai voltar”. Pois, de fato, o primeiro contato com ela foi uma coisa muito interessante: “o que você já leu?”; “o que você sabe sobre sua fonte?”. Meio para assustar mesmo, acredito eu. Normal. Não senti maldade nas perguntas, tanto que a amizade que foi se construindo com o decorrer dos anos me fez praticamente ser adotado por ela e pelo seu esposo, nos falamos sempre ainda hoje e nos vemos muito. Além do mais, o Marcus Cruz já havia me informado sobre como agir, como poderia ser, recordo bem dois dias antes de eu ir ao IFCS, ele me dizendo: “Você terá que matar um leão por dia”. Na semana seguinte, estava eu frequentando os laboratórios do PEM-UFRJ e na semana seguinte, e na outra e na outra e na outra. Daí foi o desenvolvimento normal de me inserir aos poucos dentro do grupo, ir amadurecendo, aprendendo a ser criticado, criticar, desenvolver a escrita acadêmica sem perder aquilo que eu já possuía em mente como linha de transmutar meus pensamentos em palavras. Acho até que isso foi o maior embate entre orientando e orientadora, pois a escrita da Andréia sempre foi mais objetiva e sempre gostei de um estilo, não sei, mais poético. De todo modo, nesse momento de turbilhão, de “novo mundo”, é que a experiência da Andréia como professora e orientadora falou mais alto e as próprias pesquisas desenvolvidas individualmente pelos participantes do laboratório foram me levando sem forçar a barra para a Península Ibérica. Mas, se me recordo bem, apenas eu e o Leandro Rust possuíamos pesquisas que fugiam um pouco dos eixos mais preponderantes da maioria das pesquisas orientadas por ela. Contudo, mesmo assim, as coisas se conjugavam bem, pois todos estávamos inseridos num grande projeto de pesquisa dela iniciado em 2000, o “*Hagiografia e História*”.

Revista: Em dezembro de 2008, o senhor defendeu a dissertação “*A construção das masculinidades em Castela no século XIII: um estudo comparativo do Poema*

de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos”, a fim de analisar, por meio dos estudos de gênero e do método comparativo em História, como foram construídas as masculinidades no reino de Castela no século XIII. Trata-se de um trabalho de bastante fôlego e que preza por associar os dois quadros conceituais supracitados. Nos últimos anos, os trabalhos norteados pelos chamados estudos de gênero vêm galgando bastante espaço, sendo cada vez mais publicados. Em sua opinião, quais caminhos já foram largamente percorridos e quais precisam ser ainda bastante problematizados no seio dos estudos medievais?

Bruno Alvaro: *Pergunta difícil, Rafael! Acho que sempre há problematizações a serem desenvolvidas, caminhos a serem revistos. Que as pessoas que nos leem nesse momento me permitam uma metáfora um tanto deslocada da academia. Mas vejo sua pergunta muito próxima com a prática do MTB (o Mountain Bike). A trilha está ali, sabe? Às vezes é uma trilha excelente, mas se a gente vai passando em outros locais, ela tende a ser coberta pelo mato. A historiografia e suas ideais defendidas em publicações parecem um pouco com isso. Por exemplo, vejamos o famoso “A Sociedade Feudal” do grande Marc Bloch. É um manual de fôlego, algumas coisas ali são datadas, diria até que em poucos aspectos: superadas. Mas, por deus!, há caminhos muito importantes, pistas, melhor, trilhas que o Bloch nos deixou naquele livro e isso serve para outros clássicos, outros autores. Dia desses estava relendo Salvador de Moxó e me surpreendi com algumas coisas que eu não percebia antes, por mera displicência. Certa vez, num congresso, eu estava numa mesa redonda e afirmei: “Devemos tirar a poeira de Marc Bloch”. Na ocasião, acredito que fui mal interpretado. O que eu quis dizer não era que o autor, esse medievalista, estava superado, estava no passado, ao contrário, que deveria constantemente ser revisitado e por isso o “tirar a poeira”. Dia desses, lemos em conjunto no grupo de pesquisa, um livro-entrevista do Georges Duby com o Guy Lardreau (o conhecido “Diálogos sobre a Nova História”), só o termo final, em pleno século XXI, já deixaria o pós-modernismo de cabelos eriçados, mas há tanta coisa interessante naquele livro. Tanta coisa a ser aproveitada. Tanta coisa atual! A História nunca foi “nova” diga-se de passagem, não? Quando fiz minha pesquisa de mestrado – posso estar pecando pelo excesso – mas foi o primeiro trabalho, ao menos no Brasil – de estudos de masculinidades relacionado à História Medieval. Veja, repito, me refiro à Idade Média e vou além: à Castela. De qualquer maneira, era muito mais comum encontrar, por exemplo, estudos comparativos sobre feminilidade no Poema de Mio Cid e outros documentos da época, fosse numa abordagem de Estudos de História das Mulheres ou das mais variadas vertentes de Estudos de Gênero. No entanto, se arriscar em falar de masculinidade, de homem, numa perspectiva de Gênero, de fato, pareceu novidade e o foi naquele momento. Porém, o novo já nasce velho. Hoje temos muito mais trabalhos e mesmo com todo fôlego ali empreendido, depositado, não me arriscaria a me considerar pioneiro, ao*

contrário, acho que fui muito “maluco”, sem perceber na enrascada em que estava me metendo. Mas, mesmo assim, foi um período legal para mim. Nossa, aprendi muito, muito mesmo! Pude ao mesmo tempo ler sobre Estudos de Gênero, entender os movimentos feministas, os choques, as dificuldades e no meio disso tudo, trabalhar guerra, cavalaria, as relações entre literatura, filologia, história, poesia, hagiografia... Tudo aquilo que me atraía desde o início em História. Preciso revisitar esse trabalho de mestrado, há brechas nele, sempre há. E muita coisa avançou desde então. Um dia farei isso.

Revista: Após o término do seu mestrado, em 2008, você defendeu sua tese de doutoramento, *“As veredas da Negociação: uma análise comparativa das Relações entre os Senhorios Episcopais de Santiago de Compostela e de Sigüenza com a Monarquia Castelhana-Leonesa na Primeira Metade do Século XII”*, em 2013, na qual, a partir do método comparativo em história, procurou compreender através do que definiu na pesquisa como “relações de negociação”, as complexas estratégias aplicadas pelas instituições monárquicas e eclesiásticas no bojo de suas relações. Como se operavam estas “relações de negociação”? No que elas diferem das manifestações de poder contemporâneas?

Bruno Alvaro: *É curioso olhar em revista o nosso próprio passado e perceber que o que me levou a pensar tais negociações foi um trecho documental que encontrei na pesquisa de mestrado e que foi utilizado para discutir a masculinidade do bispo guerreiro Don Jherónimo do Poema de Mio Cid. Eu não saberia ou ousaria taxar de maneira muito objetiva o que difere ou não as manifestações de poder do passado com as contemporâneas, acho isso muito pessoal e até mesmo arriscado. Mas posso te dizer que encontro muita similitude no *modus operandi* entre esse “distante” passado medieval no qual duas importantes instituições lidavam com seus interesses (Igrejas e Monarquias) e as manifestações do poder político contemporâneo. Porém, me interessa mais sua primeira pergunta: No caso específico do meu estudo e do que venho desenvolvendo, o senhorio me parece ser o principal instrumento para que a operacionalidade das relações de negociações se desenvolva e caminhe para algum lugar. É evidente que essas negociações almejam um fim, algo concreto, uma solução, mas, para mim, como dito, é o senhorio, enquanto terra, tipo de poder, ou seja, nas multiplicidades de significados e conceitualizações para os historiadores e à própria documentação medieval, que age como canal, quase como um ímã para atrair as forças ao diálogo, porém, também ao conflito.*

Revista: Notamos, por meio da observação do aporte teórico-metodológico empregado em sua dissertação e tese de doutorado, a presença do Método Comparativo em História. Em sua percepção, quais são os principais benefícios

gerados por este método frente às análises das relações de poder dispostas durante a Idade Média? Por sinal, quais as principais deficiências e como são supridas?

Bruno Alvaro: *Defendo que a comparação é algo inerente ao ofício do historiador, mesmo o método não tenha sido “criado” por nós, e bem melhor utilizado inicialmente pelos colegas da Sociologia e ainda hoje me parece ser esse o diagnóstico, insisto que o comparar sempre esteve presente no trabalho histórico. No meu caso especificamente, tanto meu mestrado quanto o doutorado foram realizados no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ), logo, comparar, vincular-se a uma “escola” comparativa era inevitável, era curricular, digamos assim. Confesso que mesmo na graduação quando me debrucei na tentativa de entender melhor a morte dentro daquilo que Georges Duby chamou de “sociedade cavaleiresca”, já havia esse “quê” de comparação. Ora, a gente compara tudo. Infelizmente. Isso torna-se para nós, atores e atrizes sociais um fardo muito pesado. Nossas amigas e amigos psicólogos e psicanalistas têm muito o que nos ouvir nesse quesito. E é inevitável eu não rir, pois, é claro que você me questiona epistemologicamente, sobre a empiria e acabei fugindo para o “eu”. De forma muito simples: no caso das relações de poder, penso o método como extremamente profícuo. Nas minhas investigações, tomando de assalto, por exemplo, trabalhos fortíssimos e essenciais como o de Carlos Estepa Díez, percebo que pensar os tipos de exercício do poder senhorial na Península Ibérica medieval fica muito mais instigante quando confrontamos os casos nos amparando no método comparativo em história. Marc Bloch foi um comparativista ousado, mesmo que muita gente diga o contrário. Marcel Detienne com seu “Comparer l’incomparable”, lançado na França em 2000, apresenta uma proposta muito cativante também. Não sei, Rafael, mas tenho a impressão que, ao menos para as minhas investigações, a comparação se tornou um Norte importante. Uma vez que estou muito preocupado em entender as relações de poder senhorial entre os episcopados e abrindo cada vez mais o leque comparativo, no fundo, buscando uma proposta que nunca terá fim: que é aquilo que ousou Marc Bloch com seu livro já citado aqui. Exponho sem medo que assim como ele, Duby ou o grande Ciro Flamarion Cardoso – a quem jamais devemos esquecer, pois penso que no fundo somos herdeiros seus – meu interesse é a sociedade, de maneira bem global, totalizante. Ou sociedades, se assim queira. Porém, no meu caso, a “Sociedade Senhorial na Idade Média”. Sei que isso terá um preço, aliás, já pago um pouco dos juro por essa postura. Engraçado, pois há alguns anos, no lançamento do primeiro número da Gnarus – Revista de História, após uma palestra fui questionado pelo meu grande e querido amigo Fernando Gralha de Souza sobre essa “contracorrente”, aqui acho que o termo encaixa bem: contracorrente. Neste sentido, acho que pensar atualmente de maneira mais totalizante, lógico que sem ignorar o específico, partindo do*

específico, do micro e ir-se embrenhando até o macro é uma remada desgastante num rio que segue para o perigoso mar. Contudo, sejamos francos, no mar há a imensidão e, às vezes, comunicar-se é tão difícil por lá, acho que, para mim, esse exercício de fugir do mar e voltar remando para a aldeia, para dentro da floresta seja a saída para encontrar as respostas para as perguntas que tenho dentro de mim. Todas elas. E deste modo vou suprindo as deficiências que inevitavelmente o método comparativo em história apresenta, como, por exemplo, o eurocentrismo, as criações tipológicas que podem se tornar arquétipos, modelos, preconceções, etc. No entanto, é impossível não se deparar com isso. Todo método tem seus problemas. Não podemos ignorar, ainda, que a vida na aldeia é mais complexa e conflituosa que na imensidão do mar.

Revista: Não somente na tese de doutorado, mas, como também boa parte de sua produção historiográfica – artigos, trabalhos de comunicações em congressos, palestras – você tem se voltado para discutir as seculares querelas envolvendo o chamado Feudalismo e as Relações de Senhorio, demonstrando, inclusive, o pungente peso exercido pela questão institucional e histórica na definição destas questões. Em um recente trabalho de sua autoria, o senhor procurou lançar o seguinte questionamento: *Diálogo de Surdos ou voz que clama no deserto?* No que consistem estas querelas historiográficas?

Bruno Alvaro: O jogo de palavras não é meu. É a conjugação entre o que Julio Valdeón Baroque escreveu em um livro seu e Alain Guerreau em outro, quis à época brincar um pouco com isso. Como eu disse anteriormente, ao comparar há o risco de cair num sumidouro de espelhos. Não vejo melhor expressão. Quando enfrentei e enfrento os debates extensos e desgastantes, por exemplo: se a “Espanha” se feudalizou ou não. Se trabalho com “modo de produção”. Se sou “marxista” por me interessar no estudo sobre feudalismo, sobre senhorio, etc., percebo que a coisa toda vai mais fundo, está num cerne muito personalista e institucional. E acho isso maravilhoso. Instigante de se estudar e vivenciar. Mesmo eu, estou inserido nisso tudo, jamais posso perder isso de vista. Tais conflitos acadêmicos são posturas teóricas e políticas que influenciaram e influenciam gerações. É o ontem e o hoje. Muita gente sacramentou seu fim, a morte de tais estudos. Por que estudar feudalismo a essa altura do campeonato? Por que pesquisar senhorio, já que ninguém consegue definir isso mesmo?! Acho que não é por aí. Penso que ainda pulsa. Sinto que ainda é vivo. De certo modo, o problema maior está no dizer. Em como traduzir estes longos debates. Mas, ora, livros e mais livros importantíssimos surgiram graças ao impulso individual ou coletivo em alguns casos na tentativa de explicar o que afinal é o feudalismo, o que é o senhorio. São a mesma coisa? Não são? Quando começa um e acaba outro? Terminaram? Certa vez, tive um artigo recusado numa revista, na verdade, um parecer foi favorável à publicação e o outro não. Os comentários

eram muito interessantes, pequei em nunca mais retomar o texto, por falta de tempo, não de vontade. No impasse, um terceiro parecer foi emitido negando a publicação, neste último caso, não por discordar do que eu dizia, mas pela maneira como eu dizia. O meu “dito”, de fato, estava “mal dito”. Daí passei a me preocupar mais com o modo de traduzir o debate – me posicionando, antes de mais nada – e me lembrar sempre que mesmo os surdos e os mudos possuem uma linguagem própria e muito importante, com gestos que comunicam, expressam. Mas, mesmo com a recusa do tal artigo, em nenhum momento me senti um “maldito”. Porém, percebi na prática que havia escolhido um caminho cuja tradição historiográfica de A ou B estaria sempre presente e que uma vez ou outra isso me causaria problemas.

Revista: O senhor orquestrou a criação do Grupo de Pesquisa *Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais* no âmbito do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Quais são os principais desafios e igualmente as mais prazerosas satisfações observadas mediante a direção de uma gama de estudos em solo nordestino?

Bruno Alvaro: O *Dominium*, na verdade, surgiu a partir da minha saída do Vivarium, do seu núcleo nordeste, no qual fui coordenador durante alguns anos. Sua pergunta é excelente pois posso até mesmo esclarecer e definir minha saída: cansaço. O Vivarium e seus núcleos foram se tornando cada vez maiores e os afazeres tanto os meus como o da Profa. Raquel Parmegiani (UFAL) e Marcelo Lima (UFBA) passou a dificultar a comunicação e organização das atividades em conjunto. Os desafios impostos ao *Dominium*, creio eu, não são muito diferentes dos enfrentados por colegas como Luciano Vianna, Adriana Zierer, Johnni Langer, Raquel Parmegiani, Marcelo Lima, Bruno Uchoa e tantos outros e outras que estudam História Medieval no Nordeste com seus grupos de pesquisa. Posso falar por mim apenas. No Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História nunca me foi um problema. É claro que sempre há uma questão aqui outra acolá, acho saudável. Mas nunca me senti ou fui prejudicado. Alunas e alunos, mesmo não se interessando diretamente por pesquisa na área ou pela disciplina – se comparado, não sei, às disciplinas como Brasil Contemporâneo – sempre demandam um carinho enorme e respeito pelo conteúdo debatido nas aulas. As satisfações são enormes. Quando você, por exemplo, foi aprovado no doutorado em História na UFMT, foi uma alegria inexplicável para mim. A finalização e defesa de mestrado do Hericly Andrade e a sua, meus primeiros orientandos no mestrado em História da UFS também. O segundo lugar recebido pelo Cassiano Celestino de Jesus no Prêmio Destaque de Iniciação Científica na área de Humanas em nossa universidade, sua indicação para representar a área no evento nacional e o terceiro lugar recebido. A cada nova crítica, novo parecer de PIBIC, qualificações com professores e professoras

externos e o diálogo entre discentes do Dominium e cada docente, ver os trabalhos sendo concluídos na graduação na área de medieval e ver cada integrante seguindo o caminho da docência, tudo isso é muito prazeroso. Acho que deve ser para todo mundo que orienta. Acho que é. Mas confesso que o que me dá mais fôlego no Dominium é a produção do nosso DominiumCast (www.dominiumufs.com/dominiumcast), um podcast inventado por nós e que é uma trabalhadeira danada, mas que é feito do nosso jeito, da maneira como a gente quer e o melhor de tudo: é divertido. A manutenção do perfil do Instagram do grupo de pesquisa (@dominiumufs). O mais difícil tem sido manter a regularidade das reuniões em conjunto de debate e leitura de livros e textos e dos churrascos, é claro!

Revista: Sabemos que recai sobre a Idade Média, ainda, um espectro negativo. A imagem da “Idade das Trevas” continua a ser ainda reforçada em muitos veículos de comunicação. Por exemplo, quando analistas políticos e econômicos procuram negativizar uma certa questão, corriqueiramente ouvimos expressões como: “Estamos voltando a Idade Média”; “Isso é tão Feudal!”. Como um historiador, e precisamente, como um medievalista, como o senhor observa estas colocações? É possível fazer associações do Medievo com a atual conjuntura política brasileira, por exemplo?

Bruno Alvaro: Rafael, como comparativista te diria que é possível comparar qualquer coisa, mas existe sempre o fantasma do anacronismo, daí o cuidado metodológico. Estou sendo muito sincero nesta entrevista, até porque ainda me sinto jovem suficiente para cometer erros, mesmo que eles fiquem cravados na pele como uma má tatuagem. Como historiador, ou medievalista como você me chamou, eu confesso que não me importo muito. Não dou importância no sentido de transformar isso no meu “cavalo de batalha”. De ficar quase como um entregador de panfletos na porta da universidade, do meu departamento, com o escrito: “A IDADE MÉDIA NÃO É IDADE DAS TREVAS”. Entende? Ao contrário, acho fascinante como um período, de fato, tão recuado quanto a Grécia Clássica, ainda surta interesse, mesmo que em alguns casos ou na maioria deles para o mal. O Chico Buarque tem uns versos na música “Futuros Amantes” que acho que resumem bem a coisa toda: “Sábios em vão/ Tentarão decifrar/ O eco de antigas palavras/ Fragmentos de cartas, poemas/ Mentiras, retratos/ Vestígios de estranha civilização”. Pois no fundo, é o interesse que nos move. História Medieval não é pior nem melhor que História Contemporânea e quando o Benedetto Croce diz que toda história é contemporânea, não acho que ele esteja valorizando o campo, a divisão tradicional de disciplinas: Pré-História; História Antiga; História Medieval; História Moderna e História Contemporânea (isso sendo bem tradicionalista e sintético aqui). Como eu disse, na verdade, no fim das contas, a gente tenta decifrar e é aquilo que a gente gosta que torna a montagem

do quebra-cabeças menos cansativo e mais atrativo. Prefiro me instigar. Veio-me à mente agora quando, anos atrás, eu e você escrevemos um artigo juntos para a Gnarus, graças a esse mote citado em sua pergunta sobre “Idade das Trevas”. Lucien Febvre disse que a história (ou o historiador) são filhos do seu tempo. Não discordo. É claro que não vou fugir da provocação. A Idade Média é, de fato, o carro chefe de tudo que é ruim na boca do povo e de muitos colegas professores e pesquisadores de História e outras áreas de saber, até mesmo nas ditas “exatas”. Como professor e o professor não está separado jamais do pesquisador, aproveito a visibilidade para entender os motivos, mais do que convencer o contrário. Até porque fica mais fácil explicar algo para alguém quando se compreende os motivos desse alguém pensar como pensa.

Revista: Há uma frase bastante conhecida de Bernardo de Chartres em que se afirma: *“Somos como anões aos ombros de gigantes”*. Passaram-se mais de quinhentos anos do “término” da Idade Média. O que podemos aprender com os homens da Idade Média? O que esse passado tão distante tem a nos dizer?

Bruno Alvaro: *A frase conclui-se com “por isso vemos mais longe”, não podemos esquecer disso. Podemos aprender o que quisermos aprender, Rafael. A Idade Média pode nos dizer tudo, como pode não nos dizer nada. A questão é: queremos ou não ver mais longe olhando para esse passado?*

Revista: Gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade e reforçar a enorme felicidade mediante a realização desta entrevista.

Bruno Alvaro: *Rafael, eu que agradeço a oportunidade ímpar de poder prostrar-me com você novamente e, claro, com quem tiver a disposição de ler esse nosso diálogo. Espero não ter sido enfadonho ou furtivo nas respostas. Mas, acredito que o que ficou mais evidenciado nesta conversa é que adoro citar letra de música do cancionista brasileiro. Então não dá para me despedir sem, mais uma vez e sempre, me remeter ao grande mestre Aldir Blanc, letrista carioca de mão cheia. E ele versa lá na segunda música, do lado A, do primeiro Lp do mineiro João Bosco, de 1973: “Não há nada a desculpar/ Foi por querer”.*